

Os Adventistas e a Imprensa Carioca em 1904

*¹ELDER HOSOKAWA

Os primeiros missionários adventistas chegaram ao Brasil, desembarcando em maio de 1893 no porto de Santos, para disseminarem literatura religiosa através da colportagem. Em 1894 o Pastor William H. Thurston estabelecia um depósito de livros no Rio de Janeiro. Guilherme Stein Junior em 1899 dirigiu o primeiro culto em português na Capital Federal e em julho de 1900 começou a ser impresso o *Arauto da Verdade*, primeiro periódico adventista em português. As perspectivas de crescimento do adventismo entre os cariocas se mostrava animadoras. E a imprensa carioca já registrava nos primeiros anos do século XX a presença do adventismo na Capital Federal. Mas os adventistas ainda desconhecem João do Rio, o grande cronista carioca que registrou na grande imprensa nacional os primeiros passos desta denominação no Brasil.

Um jovem repórter escreveu de fevereiro a março de 1904 uma série de artigos “*As religiões do Rio*” no jornal *Gazeta de Notícias* (1875-1942) e logo transformado em livro que vendeu oito mil exemplares, um sucesso para a época. Seu autor, um dos mais destacados literatos e jornalistas cariocas da Primeira República, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, conhecido como João do Rio (1881-1921) deixou vasta e singular produção literária que só há pouco tem emergido do esquecimento e se constituiu em matéria prima das mais importantes para historiadores – entre outras vertentes de pesquisas. (ISAIA, 2004, internet).

Uma de suas características é mapear e descrever a metrópole carioca, então capital da República, trazendo retratos dos mais completos sobre a vida cotidiana. (MEDEIROS, 2010:48). Ocupou a cadeira número um da Academia Brasileira de Letras e em 29 anos de existência demonstrou ser um escritor digno de ser comparado e igualado ao escritor Lima Barreto.

Em 1903, aos 22 anos, ingressou no jornal *A Gazeta de Notícias*, onde permaneceu por 12 anos. *A Gazeta de Notícias*, onde João do Rio ingressou em 1903 aos 23 anos, um dos mais importantes periódicos do Rio de Janeiro, voltado para o seu

*Mestre em História Social (FFLCH-USP) Docente do Curso de Licenciatura em História do UNASP EC.

tempo que colocaria, além das atualidades, a arte e a literatura ao alcance da população. A grande revolução gerada pela inauguração da *Gazeta de Notícias* foi fruto de seu estilo “barato, popular, liberal, vendido a quarenta réis o exemplar” (ASPERTI, 1997:45).

O jornalismo brasileiro quase o perdeu por essa ocasião, para a diplomacia. Ao participar de um prova para ingresso no Itamarati, José Maria da Silva Paranhos Júnior, mais conhecido como Barão do Rio Branco o desclassificou por ser obeso, mulato e homossexual.

João do Rio foi um dos primeiros repórteres investigativos da Capital Federal a registrar detalhes da vida de homens e mulheres anônimos, atribuindo importância singular. Era um escritor e intelectual, que buscava um contato pessoal com a notícia, inaugurando um jornalismo investigativo, fundamentado na observação direta.

"As Religiões do Rio" aparece assim como um documento importantíssimo da história do jornalismo investigativo brasileiro. Um dos primeiros jornalistas no Brasil a descrever os kardecistas, umbandistas e o candomblé. Discorreu sobre os satanistas, exorcistas, cartomantes e também entrevistou adeptos da igreja positivista, maronitas, evangélicos – presbiterianos, metodistas, batistas e adventistas. (RODRIGUES, 1996:50) Foi através dessas reportagens, às vezes sensacionalistas, que o autor conquistou um grande público leitor, atestado pelo sucesso posterior do livro que as reuniu, com os oito mil exemplares vendidos, número muitíssimo alto considerando-se o público leitor da época. (ISAIA, 2004, internet).

João do Rio, representante da elite intelectual republicana, para quem o universo simbólico dos pobres e dos negros, precisava submeter-se à intervenção messiânica das elites contribuiu de forma singular para os que estudam o cotidiano das populações da capital federal da *belle époque*.

O autor deixou um retrato descritivo muito interessante das manifestações religiosas vivenciada pelos negros, pelos pobres, por toda uma população potencialmente perigosa. Sua produção articula-se com toda cidade que se modernizava e tentava anular o passado colonial e escravista.

João do Rio desejava deixar pequenas sínteses históricas de sua época, registrar, não apenas o que se ocultava nos subterrâneos sociais, mas aquilo que a cidade perdia e que seu olhar poderia eternizar para a posteridade. O autor deixou-nos observações

extremamente importantes sobre a vida de seres marginalizados, praticamente invisíveis na documentação oficial.

João do Rio chegou aos adventistas através de informações prestadas por terceiros. Não foi um contato fácil, mas acabou se concretizando e na forma de uma entrevista com um de seus membros. Gideon de, médico e articulista adventista, filho do pioneiro colportor adventista gaúcho convertido em 1902, Saturnino Mendes de Oliveira, em um texto sobre os primórdios da colportagem no Brasil cita João do Rio usando informações de seu livro:

“No ano de 1904, destacava-se na imprensa profana no Rio de Janeiro, entre outros famosos escritores Paulo Barreto, que sob o pseudônimo de João do Rio era da época o maior cronista sobre os fatos que ocorriam naquela metrópole. Muito lido e muito apreciado, literato consumado, João do Rio teve a sua atenção voltada para as diferentes seitas religiosas estabelecidas na Capital Federal de então. Assim após sucessivas entrevistas com líderes das diferentes seitas deu à publicidade aquilo que pode apreciar sobre cada qual, reservando um capítulo para os adventistas. As informações a respeito foram-lhe prestadas pessoalmente pelo colportor evangelista Bernardino Loureiro, um crente de barba cerrada escura, de respeitável aparência e grande sinceridade, membro de nossa Igreja em Cascadura... Eis aqui retratado um notável e estupendo testemunho a favor da verdade.” (OLIVEIRA, 1975:38)

A Igreja Adventista no Rio de Janeiro foi inicialmente organizada pelo Pastor William H. Thurston em 1894 que realizava cultos em línguas inglesa no mesmo local que servia de depósito de livros importados de editoras adventistas da Alemanha e Estados Unidos. Os primeiros batismos ocorreram em Piracicaba, interior de São Paulo e Gaspar Alto, SC, em 1895, realizados pelo sogro de Thurston, Pr. Frank H. Westphal . Ainda no século XIX, os missionários teuto-americanos adventistas penetraram em sete estados brasileiros como Espírito Santo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, além dos três já citados. Guilherme Stein Junior, primeiro converso adventista no Brasil, se mudou em 1899 para o Rio de Janeiro e se tornou o primeiro editor do periódico adventista *O Arauto da Verdade* (1900-1913), inicialmente impresso no Rio de Janeiro na Rua do Ouvidor. (VIEIRA, 1995:165)

O repórter João do Rio desconhecia este periódico mensal, em razão da circulação mais nacional que na própria Capital Federal. Quando escreveu a matéria sobre o adventismo em 1904, os relatórios oficiais da igreja registravam no Brasil 783 membros. (STATISTICAL REPORT, 1905:26). É notável como João do Rio possuía faro jornalístico para encontrar um adventista numa cidade como Rio de Janeiro com

700 mil habitantes. Frederick W. Spies revelou em um artigo publicado em julho de 1906 na revista *Trimensal* a situação do adventismo na Capital Federal:

“Muito me alegrou ter achado a igreja bastante animada no trabalho para o seu Senhor, espalhando Arautos e tratados e fazendo visitas para anunciação da palavra de Deus ... Nossa igreja aqui no Rio ainda é pequena, contanto nem bem o número de 30 membros, se fala, contudo do seu trabalho missionário em toda a cidade. (SPIES, 1906:2)

O repórter da *Gazeta de Notícias* indicou no artigo o local de reunião dos adventistas no Rio de Janeiro, embora erroneamente tenha pensado na existência de um templo:

No dia seguinte lia esta resposta lacônica e seca: - "Ilmo. Sr. - Se quiser compreender a verdade de Deus, venha V. S. até ao nosso templo, em Cascadura."... "Pedia perdão, de não ter obedecido ao convite, mas era tão longe, tão vago, em Cascadura... O crente fervoroso sentou-se, pousou a sua mala no chão, encostou o velho guarda-chuva à parede. - Não é bem em Cascadura, fica entre Cupertino e essa estação, deixei de mandar-lhe as notas porque não me achava com competência para as dar." (RIO, 1904:49)

Num dos poucos registros sobre os primórdios do adventismo entre as estação ferroviária de Cascadura e Cupertino (alterada em 1912 para estação Quintino) a *Revista Adventista* registrou tempos depois:

“Falando dos esforços na campanha da construção do primeiro templo em 1919, a irmã Ritinha recorda: "Nós crianças trazíamos ofertas de três tostões "A primeira Escola Sabatina, no Rio, ocorreu em Cascadura, subúrbio carioca, na residência de uma adventista de origem alemã conhecida como Sra. Günter. Em pouco tempo, os recém-conversos alugaram uma casa na Rua São Brás, quase esquina com a Rua Piauí. Mais tarde, foram para a Rua Engenho de Dentro, hoje Adolfo Bergamini. Finalmente, o templo foi concluído e inaugurado em 1922, à Rua Joaquim Meier." (REVISTA ADVENTISTA, 1988:21)

Ao contrário do que a maioria dos biógrafos e pesquisadores atribuem ao texto de João do Rio, carregado de expressões de grande preconceito às camadas populares adeptas de seitas e cultos vistos como exóticos nos olhos críticos do repórter, ao descrever os contatos iniciais com um dos raros adventistas no Rio de Janeiro, seu texto flui para uma tom quase devoto e crente:

“Eu ficara na sombra, a luz batia-lhe em cheio no rosto. Reparei então nos traços dessa fisionomia. O lábio era quase infantil, os dentes brancos, pequenos, cerrados, e toda aquela espessa barba negra parecia selar potentemente a inefável bondade do seu perfil. De resto o crente era tímido, cada palavra sua vinha como um apostolado que se desculpa e a sua voz persuasiva ciciava baixinho a crença do Infinito, com um conhecimento dos livros sagrados extraordinário... Olhei o crente. Os seus olhos eram beatos como os olhos dos puros... Ele

levantara-se. Terminada a informação, partia como um personagem de lenda... Apertei-lhe a mão com reconhecimento. Se há no mundo momentos fugazes de sinceridade, a presença desse varão mos tinha dado com a extrema paz que vinha da sua palavra.” (RIO, 1904:50)

O repórter para traz intimidade ao leitor ao reproduziu sua conversa com um colportor brasileiro a quem nomeia Bernardino Loureiro, desconhecido nos anais do adventismo, mas por isso mesmo ainda mais curioso. Seu dialogo continua:

“- Diga-me uma coisa, uma última. E Cristo? Quando vem Cristo? - Os sinais que deviam preceder a sua vinda, conforme Ele mesmo predisse em Mateus, cumpriram-se. É de crer que a sua vinda esteja próxima. - Quando? - Ainda nesta geração, talvez amanhã, quem sabe? Tornou a apertar-me a mão, sumiu-se. Passara como o anunciador, apagara-se como um raio de sol. A noite caíra de todo. As trevas subiam lentamente pelas paredes, e a brisa úmida, entrando pelas janelas, sacudia as folhas de papel esparsas, num tremor assustado.” (RIO, 1904:51)

Não houve repercussão desta matéria e do livro na Revista Trimensal, periódico oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Nos artigos e cartas enviados para a *Review and Herald*, informativo mundial dos adventistas, mais silencio ainda. Muito provavelmente a repercussão da reportagem ficou circunscrita por muito tempo entre o pequeno grupo de Cascadura e a membresia adventista no Rio de Janeiro.

As informações prestadas pelo colportor denotam um conhecimento razoável de história eclesiástica e preparo do doutrinário, segundo o diálogo:

“- Mas a origem dos adventistas? - indaguei eu. O crente puxou a cadeira. Uma discussão que se levantou na América em 1840 e na qual Guilherme Miller ocupou lugar saliente. Os adventistas esperavam o fim do mundo em 1844, porque a profecia de Daniel, no capítulo 8 versículo 14, diz que o santuário será justificado ou purificado ao fim do decurso do período profético de 2.300 dias. - Deus! em tão pouco tempo? - Dias proféticos equivalentes a um ano. Os adventistas julgavam que o 2.300 era o ano de 1.844 e que a justificação ou purificação do santuário importaria em ser queimada a terra com a vinda de Cristo. Esperavam pois a vinda de Jesus. ...- Ora o tempo passou e Cristo não veio...” (RIO, 1904:50).

João do Rio se aprofundou de tal maneira a discussão teológica que impressiona o grau de clareza com que descreve uma das crenças basilares do adventismo:

“Ou houve falta na contagem dos 2.300 dias ou a purificação do santuário não era purificação da terra na segunda vinda de Cristo. Mas a questão agitara o estudo. A coisa foi examinada e duas opiniões se formaram. Uns julgavam que o período profético ainda não decorrera, outros, com lento trabalho, chegaram à convicção de que o erro existia na palavra santuário. - Então o santuário? - Não tem aplicação à terra, mas verdadeiramente ao céu, onde Jesus Cristo entrou no fim desse período de tempo, para purificá-lo com o seu próprio sangue, conforme está descrito. A classe que aceitou essa interpretação é a que se chama adventistas do

7.º dia. Não marcamos tempo nem cremos que qualquer período profético assinalado na Bíblia se estenda até nós. (RIO, 1904:50)

Alberto R. Timm destaca que a doutrina do santuário (TIMM, 2000:10) já era no começo do século uma crença adventista sólida, e pode-se ter certeza disso na descrição acima da interpretação profética adventista num, jornal secular como o Gazeta de Notícias

A argumentação que se segue revela um repórter com capacidade para compreender a cosmovisão religiosa do colportor e ainda argumentar para entender a imbricações da crença adventista num dos pilares do protestantismo, *sola scriptura*, *sola fide*, *sola gratia* presente no pensamento de Lutero, fundador do protestantismo alemão e reafirmada por Ellen G. White, pioneira do movimento adventista, em 1888 no livro Grande Conflito. João do Rio argumenta e bem, como um exímio repórter, incorporando a lógica protestante na sua pergunta:

“Então aceitam como base da fé? - A Bíblia Sagrada, a palavra de Deus, sem tradições, e a autoridade de qualquer igreja. Cristo é o Messias prometido, só por ele se obtém a salvação. As pessoas salvas observam os dez mandamentos inclusive o 4.º, celebram a Santa Ceia do Senhor, em conexão com o ato de humildade praticado por Jesus Cristo, creem na ressurreição, que os mortos dormem até esse momento, conforme as palavras do Salvador em São João. - A ressurreição? - Sim, a dos justos far-se-á na segunda vinda de Cristo, a dos ímpios mil anos depois, com um grande fogo que os queimará e purificará a terra! - Então não é cedo?... - Infelizmente, parece.” (RIO, 1904:51)

Bernardino Loureiro, interlocutor de João do Rio, explicita um discurso religioso que foi construído para quebrar preconceito religioso quando destaca a incipiente ação social adventista no mundo:

“Nós fazemos o bem, temos uma missão médica, que envia facultativos a toda a parte do mundo, fundamos sanatórios, e, crendo que a educação intelectual não basta, conseguimos escolas industriais. À semelhança do cristianismo nos tempos apostólicos o adventismo tomou um rápido incremento, elevando-se o número de crentes a 80.000, segundo as profecias sagradas.” (RIO, 1904:51)

Chama a atenção como João do Rio em seu tempo, conseguiu um adepto tão bem informado quanto ao desenvolvimento de uma igreja com apenas onze anos de presença no país:

“-E a obra no Brasil? - A obra no Brasil começou em 1893, contando hoje um número de membros leigos de 800 a 900 espalhados na maioria pelos Estados de Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, contando o seu corpo eclesiástico: três pregadores ordenados, três

licenciados, dois missionários médicos, dois professores diretores de escolas missionárias e onze professores de escolas paroquiais, sete colportores evangelistas, uma revista O Arauto da Verdade e um redator.” (RIO, 1904:51)

Ao se referir aos dois professores diretores, revela um grau de informação, quando indica a coexistência de duas escolas missionárias para jovens que funcionaram simultaneamente entre 1902 e 1903: a Escola Missionária de Gaspar Alto, SC e a Escola Missionária de Taquary, RS. A informação da existência de sete colportores, sendo provavelmente o interlocutor do repórter carioca, um deles, é tão precisa que dá a entender que o entrevistado se preparou antes de conversar com João do Rio, tal o grau de precisão dos dados quantitativos sobre o adventismo, que passou para a reportagem. Um lapso foi registrado no artigo:

“Tem quinze igrejas organizadas. O atual presidente do trabalho é um médico missionário Dr. H. F. Graf, residente em Taquari - Rio Grande do Sul - e o secretário-tesoureiro, o irmão A. B. Stauffer, residente no Distrito Federal, em Cascadura. Há ainda uma comissão administrativa composta de sete pessoas, duas escolas missionárias, uma em Taquari no Rio Grande do Sul, outra em Brusque, Santa Catarina, e onze escolas paroquiais.”(RIO, 1906:51).

Tratava-se do pastor Huldreich F. Graf que era aficionado por tratamentos hidroterápicos, mas não médico. Chegara ao Brasil em 1895 sendo primeiro ministro ordenado da Igreja Adventista a se estabelecer no país. Em Taquary residiu médico e dentista adventista norte-americano, Dr. Abel L. Gregory que tentara em 1900 abrir um consultório no Rio de Janeiro, mas fora barrado pela legislação pertinente sobre a prática da medicina para estrangeiros. Gregory conseguiu abrir consultório no interior gaúcho onde os governantes eram mais tolerantes à atuação de médicos estrangeiros.

Nas edições do jornal *O Taquaryense*, impresso em tipos móveis desde 1887, e até o presente em circulação, encontra-se, entre 1903 e 1909, artigos sobre os empreendimentos adventistas na região e anúncios do consultório do Dr. Gregory que também foi o primeiro editor da Revista Trimensal editada e impressa nas dependências da Escola Missionária de Taquary. (HOSOKAWA, 2001:61)

Bernardino Loureiro, segundo João do Rio, seria a fonte das informações sobre os adventistas no Rio de Janeiro. Pelas informações precisas e amplas, Loureiro deveria estar entre os colaboradores ou protagonistas em matérias da Revista Trimensal (ou Revista Mensal em 1908, como passou a ser chamada) publicada pela Igreja Adventista

do Sétimo Dia. Mas há uma citação nas Atas da Igreja Evangélica Fluminense de um Bernardino Loureiro Santos pertencente e representante da *União Auxiliadora Evangélica de Niteroi* por ocasião do lançamento da pedra fundamental da Igreja Evangélica Fluminense. (O CHRISTÃO, 1902, internet)

Ao que tudo indica João do Rio deve ter confundido o líder dos irmãos cristãos da Associação Cristã de Moços (ACM) com o secretário-tesoureiro adventista, o colportor Albert B. Stauffer, que pela descrição e conhecimento da história e doutrina, remete ao primeiro colportor de sustento próprio, comissionado pela Associação Geral, órgão administrativo máximo dos Adventistas nos Estados Unidos e que chegara em maio de 1893 em São Paulo para iniciar, através da venda de livros, os trabalhos de evangelização no Brasil.

A título de esclarecimento, A. B. Stauffer como secretário geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil tinha a função de remeter dados sobre o desenvolvimento do adventismo, que apareciam transcritos no periódico e órgão informativo mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos, *Adventist Review and Sabbath Herald*. Ninguém melhor do que Stauffer na precisão dos números que foram divulgados na matéria de João do Rio.

As reportagens publicadas na *Gazeta de Notícias* em 1904 ficariam esquecidas com o passar dos anos se não tivessem sido transformadas em livros. As religiões praticadas na Capital Federal forneceram material do primeiro de uma série de livros de Paulo Barreto. “*As Religiões do Rio*”, saiu ainda em 1904, poucos meses depois das reportagens e revelaram uma pluralidade e diversidade mística e religiosa, por trás uma cidade aparentemente e essencialmente católica. (MAGALHÃES JUNIOR, 1978:35) Este artigo pretendeu resgatar a importância do livro “*As Religiões do Rio*” que passou por sucessivas edições (1904, 1906, 1951, 1976 e 2006). Ainda está por ser descoberto e explorado pelos estudiosos das religiões no Brasil.

O texto de João do Rio sobre os adventistas, em duas páginas, indica para o leitor tratar-se de uma igreja estruturada, organizada e recém implantada no Brasil e no Rio de Janeiro. O contato com um dos seus adeptos, na reportagem, demonstra um conjunto de crenças e práticas que irradiavam os valores e frutos de uma prática espiritual singular para a cultura brasileira. A reportagem sobre o adventismo no início do século XX constitui-se num conjunto de informações não contestadas pela denominação religiosa

na ocasião e quase um século depois, João do Rio constituiu-se num dos primeiros brasileiros a analisar o adventismo. Isso por si só transformou a obra *Religiões do Rio* num registro histórico peculiar para a compreensão dos primórdios de diferentes manifestações do sagrado que acabavam de se constituir no país e que se difundiriam logo mais nos demais estados do Brasil.

O Rio de Janeiro como Capital Federal foi um caixa de ressonância das múltiplas experiências místicas populares. Somente nas últimas décadas os sociólogos, antropólogos e historiadores da religião parecem ter descoberto a importância deste livro como fonte primária para o estudo de cultos, rituais de movimentos religiosos e igrejas incipientes no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASPERTI, Clara Miguel Asperti. A vida carioca nos jornais: Gazeta de Notícias e a defesa da crônica. *Revista Contemporânea -UERJ*, v. 7, 2007.

Atas da fundação da Igreja Evangélica Fluminense. *Jornal O Cristão*, 2 set.1902, Disponível em: <<http://www.robertreidkalley.xpg.com.br/html/atas.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

HOSOKAWA, Elder. *Da colina "rumo ao mar". Colégio Adventista Brasileiro em Santo Amaro (1915-1947)*. São Paulo: Dissertação. (Mestrado em História Social), (FFLCH-USP), 2001.

Igreja do Meier comemorou 65 anos. *Revista Adventista*. Jan.1988.

ISAIA, Artur Cesar. Práticas mediúnicas e preconceito racial nos registros de João do Rio e de Coelho Neto. UFSC, *Anais da XXIV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa História (SBPH) em Curitiba*, p. 365-371. 2004. Disponível em: <<http://sbph.org/2004/religiao-e-religiosidades/artur-cesar-isaia>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

MEDEIROS, Gutemberg. No olho da rua com João do Rio. *Leituras da História*. São Paulo: Caderno B, p. 48-57. 27, jan. 2010. Disponível em: http://www.entretextos.jor.br/page_txt.asp?smn=2&txt=99&sbmn=5 Acesso em: 12 nov. 2010.

OLIVEIRA, Gideon de. Proezas da colportagem. In: CHRISTIANINI, Arnaldo B. (Org.) *Comemoração dos 75 anos da obra de publicações no Brasil*. Revista Adventista. Edição especial, Santo André, Casa Publicadora Brasileira, 1975.

_____ Saturnino Mendes de Oliveira. *O Adeceano*. 1951.

SPIES, Frederick W. A Missão Brasileira do norte. *Revista Trimensal*. Out. 1906.

STATISTICAL REPORT of Seventh-day Adventist conferences and missions. *Adventist Review and Sabbath Herald*, p. 26, May 11, 1905.

RIO, João do. *As religiões do Rio*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Irm%C3%A3os_e_Adventistas>. Acesso em: 12 nov. 2010.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996.

TIMM, Alberto R. *O santuário e as três mensagens angélicas*. Engenheiro Coelho, Imprensa Universitária Adventista, 2000.

VIEIRA, Ruy Carlos Camargo. *Vida e obra de Guilherme Stein Jr.: raízes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 1995.

WHITE, Ellen G. *The Great Controversy Between Christ and Satan*, Mountain View, CA, Pacific Press Publishing, 1888.